REVISTA LITERÁRIA

DO MEU CANTO, EU CONTO

Sesc

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Presidente do Conselho Nacional – José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL
Diretor Geral – Carlos Artexes Simões
Diretora de Programas Sociais – Lucia Prado
Gerente de Cultura – Marcos Rego
Técnico de Literatura - Henrique Rodrigues

DEPARTAMENTO REGIONAL EM PERNAMBUCO
Presidente – Bernardo Peixoto
Diretor Regional – Oswaldo Ramos
Chefe de Gabinete – Antônio Inocêncio Lima
Diretora de Administração e Finanças – Ana Cristina Cerqueira Dias
Diretora de Programas Sociais – Paula Lourenço
Gerente de Cultura – Rudimar Constâncio
Gerente de Comunicação e Marketing – Ana Rosa Cavalcanti
Coordenadora de Economia Criativa – Rita Marize Farias de Melo
Analista I - Biblioteca – Márcia Rodrigues

SESC PETROLINA
Gerente – Jailson de Lima Silva
Professora II - Artes / Literatura – Ariane Samila Rosa
Instrutor de Atividades Artísticas – André Vitor Brandão
Equipe de Cultura – Alexandre Santos, Clara Isis, Fernando Pereira, Leidy Costa, Lys Valentim
Equipe Técnica – Jack Alves, Juscimar Silva, Lucylene Lima e Nilzete Miranda
Apoio Administrativo – Pedro Lacerda

FICHA TÉCNICA DA REVISTA DO MEU CANTO, EU CONTO
Curadoria – Ariane Samila Rosa
Autoria dos Textos – Ana R. Costa, Brenda Mércia, Mayla Dias, Nívea Melo e Rosana Santos
Ilustrações – Lys Valentim e Gilson dos Santos
Designer Gráfico – Marici Valente Seidensticker
Assessoria de Imprensa – Dupla Comunicação- Fabiano Barros
Revisão de Textos – Ariane Samila Rosa
Coordenação Geral – Ariane Samila Rosa

SUMÁRIO

Apresentação 5

Ana R. Costa 6
O píer 7
Um dia de cada vez 9

Brenda Mércia 12
O ponto 13
Um tipo de amor 14

Mayla Dias 16
A bondade era bem-vinda 17
Ilustração de Lys Valentim 18
O vale do silêncio 19

Nívea Melo 20
Harmonia quase invisível 21
Experiências e o valor da vida 22

Rosana Santos 24
Em tempos de pandemia 25
Ilustração de Gilson dos Santos 26
Encontrei a resposta 27

Ariane Samila Rosa é professora de Artes - Literatura do Serviço Social do Comércio (Sesc) em Petrolina-PE desde 2013, onde coordena os projetos Entre Margens: encontro com a literatura, Poesia no Jardim de Ana, Meu Conto Preferido, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Literatura (Nepel), os Cursos de Escrita de Contos Iniciante e Avançado, entre outros. Também é Mestra no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos-PPGESA. Graduada em Letras - Português pela Universidade de Pernambuco UPE (2011), especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (IEDUCARE- FIED), 2012. Uma apaixonada pela literatura e pelos caminhos que ela pode nos levar.

APRESENTAÇÃO

Esta primeira edição da Revista Literária ***Do meu canto, eu Conto*** surge motivada pelas narrativas da primeira turma de Escrita de Contos do Sesc Petrolina. São protagonistas seis mulheres com diversificadas escritas, preferências literárias e conhecimentos de mundo.

Sou grata em tê-las como alunas e poder mediar o conhecimento que elas já possuíam e apresentar novos saberes em uma troca constante, ampliação de repertório literário e construção de novas (In) certezas, pois, como certa vez disse Mia Couto "a preparação para a viagem da escrita implica, no meu caso, o despojar de toda a bagagem. A construção de uma narrativa implica estar disponível. E para se estar completamente disponível há que deixar de saber, há que deixar de estar ocupado por certezas". Até!

Ariane Samila Rosa
Professora de Literatura
Sesc Petrolina

Ana R. Costa
é romancista e genealogista brasileira, licenciada em Letras pela Universidade do Paraná. Ama os livros. Escreveu poemas desde a adolescência até a fase adulta, mas no meio do caminho se perdeu por veredas que a fizeram desistir do poético. Voltou a escrever perto dos 40 anos e não parou mais. Participou de várias Antologias e possui três livros publicados: De Volta Pra Casa, Em Nome do Amor e Liana.

O PÍER

ANTÔNIO é o tipo de homem que quando se apega a alguém é pra valer. Ele não é superficial como a maioria dos homens que conheço. Não, ele é profundo e se entrega de fato aos relacionamentos dando o seu melhor. E outra coisa que realmente o diferencia da maioria dos homens que conheço é que ele valoriza a outra pessoa. Nossa! Antônio olha para as outras pessoas sempre focando nas suas melhores qualidades. Sim, porque você há de concordar comigo, que muitas pessoas têm a mania feia de só olhar os defeitos dos outros. Focam no que você tem de pior e faz questão de enaltecer isso por onde quer que ande. O Antônio, não, ele foca no melhor de você. Mesmo que a única coisa que você tenha de bom mesmo, seja o fato de ser rica e pagar todas as contas dele. Mas ele não se importa com isso. Mesmo se Mariana não pagasse as contas dele e comprasse aquelas roupas lindas e caras que ele usa, certamente ele ainda a valorizaria do mesmo modo. Porque ele é assim, um cara que só vê o bem por onde anda. E sendo ele assim, essa pessoa generosa e otimista para com o seu próximo é justo que as bênçãos caiam em sua horta. Foi assim desde que conheceu Mariana. Até aquele dia...

Ele lembra o dia em que a viu pela primeira vez. Estava sentado no píer com os pés dentro d'água criando coragem para dar um belo mergulho. A água estava gelada demais e ele ficou ali balançando os pés sem muita pressa. Foi quando viu alguém dando piruetas num jet ski no meio do rio bem à altura de onde estava. De repente a pessoa perdeu o equilíbrio e caiu na água. Pareceu-lhe que a pessoa começava a afogar-se. Antônio imediatamente jogou-se na água e nadou até lá. Conseguiu segurá-la pelos cabelos longos quando ela já ia descendo para o fundo do rio, a terceira vez. Como um exímio nadador que era ele conseguiu trazê-la para o píer. Ela estava sem sentidos então ele começou os primeiros procedimentos para trazê-la de volta. E ela voltou.

Foi ali, bem ali, naquele píer, que começou sua história com Mariana. Ela lhe agradeceu por tê-la salvado, mas Antônio teve uma breve sensação que ela estava meramente sendo educada. Que na verdade o odiava pelo que tinha feito. Ou era impressão dele? "Não. É claro que foi um acidente. Ela não ia querer morrer! Por que uma moça tão linda ia querer morrer? É claro que não." - Pensou ele, já vendo em Mariana uma pessoa extraordinária.

E o tempo correu como sempre fez. Sem dar satisfação a ninguém. O tempo não espera. Ele só segue seu curso e quem quiser que se adeque a ele, pois

ele é senhor de si mesmo. Antônio e Mariana se tornaram amigos. Passeavam pela cidade e se divertiam. Mas sempre terminavam seus encontros no píer. Ela pegava seu jet ski e atravessava para a ilha. Logo se transformaram em grandes amigos. E depois, em grandes amantes. O píer foi o cúmplice do início, meio e fim da história de amor dos dois.

Naquele píer, os dois sentados depois de nadarem por muito tempo numa tarde quente, deram o primeiro beijo. E até aquele momento, o Antônio ainda estava intrigado com o fato de que Mariana era uma ótima nadadora, mas naquele dia ela quase morrera afogada. Quando quis saber por que não nadara naquele dia, Mariana mudou o rumo da conversa. Geralmente um beijo e um abraço ardente e isso mudava todo o percurso de seus pensamentos. Nunca imaginou que pudesse amar daquele jeito. Do jeito que amava Mariana. Sem reservas e sem medo. Sim, porque, ele sempre tivera medo de se apaixonar. Todas as vezes que se aventurara em um romance, as mulheres abusavam dele. Da sua boa vontade. Mariana não, pelo contrário, se deixava ser abusada por ele. Sim, ela dava-lhe tudo que ele queria e até o que ele não queria. Ela fazia todas as suas vontades.

Quando Antônio demorava um pouco mais a chegar, sempre a encontrava sentada com os pés batendo na água e o olhar distante. Muito distante. Como se estive em outro continente. Às vezes demorava um longo tempo para que ela percebesse que ele já estava ali ao seu lado. E então, ela o olhava como se o estivesse vendo pela primeira vez. Olhava-lhe nos olhos, depois em cada pedacinho do seu rosto. Sorria lindamente e dizia: “Vamos nadar?” E ele ia.

Mariana nunca falava de si mesma. Ela falava do tempo, das aves, dos animais e do rio. Ela não falava de sua família se é que tinha alguma em algum lugar, mas disse-lhe uma vez que era muito rica. Podia dar a ele tudo que ele quisesse. Mas ele lhe respondeu: “Quero apenas você.” Ela lhe sorria e beijava sua boca com paixão. Faziam amor no píer e ela ia embora do mesmo jeito como chegara, em seu jet ski.

Mas um dia, um dia Mariana não veio como nos dias anteriores. Antônio agoniou-se porque não tinha sequer o telefone dela e não sabia onde poderia encontrá-la. A ilha era grande. E agora se dera conta de que, nem sequer tinha certeza, que ela morava na ilha. Fora um tolo, agora via. Pois imaginou que ela jamais desapareceria de sua vida. Mas ela desapareceu. Lá se foram três meses, quatro, cinco... E tudo que ele tinha, era aquele píer e a recordação dos crepúsculos em que ali, vivera momentos incríveis com Mariana.

O píer, o único testemunho daquela história de amor, agora jazia abandonado. A água subiu e o capim tomou conta. Este era também o estado do seu coração. Desolação.

Ana R. Costa

UM DIA DE CADA VEZ

Um pensamento lhe veio de repente como um relâmpago. E segundos depois o estrondo do trovão.

Havia acabado de sentar-se no velho sofá da sala, cansada, exausta e agoniada. Era sempre assim que se sentia ao chegar em casa depois de um longo dia de trabalho para deixar impecavelmente limpa a casa das senhoras ricas. Enquanto na sua casa, mal conseguia ter pratos limpos na hora das refeições. Os filhos poderiam ajudar, mas também não passavam de crianças. E como crianças agiam como tais, deixando as coisas pelo meio da casa. Sujando e desarrumando tudo. Se pelo menos ela pudesse ficar em casa para ensiná-los a serem mais disciplinados. As conversas à noite ao colocá-los para dormir não eram suficientes. E o pai deles não ajudava a melhorar a situação.

"Onde ele está a esta hora?". O pensamento lhe veio seguido de batidas fortes na porta e o grito. "Ruth corre aqui!". Era a vizinha e amiga. Ela levantou-se de um salto, mais movida pelo susto do que pela coragem. Abriu a porta e correu para o meio da rua onde a outra já se encontra de braços cruzados na expectativa. "Olha para aquilo!" Disse ela. Ruth sentiu seu coração doer. Lá vinha ele. Cambaleante, medindo a rua de um lado ao outro. Ziguezagueando, ele batia no meio fio e voltava desordenadamente para o outro lado da rua. Batia no muro e voltava pro outro lado, trôpego. "Como diria o pensador, seria cômico, se não fosse trágico" Pensou ela.

Enquanto esperava ele se aproximar passou-lhe pela cabeça como num filme toda sua vida. O dia em que o conheceu. Era um dia de sol vibrante e ela soube no mesmo instante que o amaria para sempre. Era o homem mais bonito que já vira. Mais velho do que ela, uns quinze anos, mas era um homem não um rapazinho desses que ainda cheiravam a leite e vivam correndo atrás dela. Ela era uma linda jovem de dezenove anos. Acabara de formar-se no ensino médio. Sonhava em fazer faculdade e tornar-se uma professora. Ela gostava de homens maduros. Homens com cheiro de homem. Amaram-se no primeiro olhar. Não foi muito tempo e já estavam casados e fazendo planos para quando os filhos chegassem. Ele era um homem maravilhoso, carinhoso e trabalhador. Tudo que ganhava trazia para casa. Nos finais de semana sempre bebiam sua cervejinha gelada. Os filhos começaram a chegar. O primeiro, um lindo menino que era a cara do pai. Chamaram-no de Marcos. Ficaram muito felizes e naquele dia ele bebeu todas. Era por causa do filho. Da alegria de ser pai. Ruth sabia que ele bebia

todos os dias e ao questionar ele sempre dizia que tomara apenas uma cerveja. Que mal haveria nisso?

Dois anos depois nasceu a Irínia. Uma menina quieta. A princípio ficaram com medo que ela tivesse algum problema de saúde, mas não, ela crescia e se mostrava apenas uma menina tímida e muito carinhosa. E o Artur sempre encontrava motivos para comemorações e todas as vezes ficava muito embriagado. Dia após dia ele demonstrava mais e mais sua dependência da bebida. Isso começou a preocupar Ruth. No início do casamento o acompanhava, mas com o passar do tempo Ruth começou a questionar, depois a reclamar e por fim a brigar. Brigavam muito. As crianças choravam. Ruth chorava escondida porque via que seu amor perfeito entrava por um caminho perigoso. Ele não a maltratava e nem aos filhos, só chegava às quedas, deitava e dormia. E quando acordava, começava tudo de novo. Começaram a distanciar-se um do outro e o companheirismo dos primeiros anos de casamento se esvaia por entre os dedos.

Depois do nascimento do Gabriel, o terceiro filho, Ruth determinou que mudaria o rumo de sua vida. Não dava mais para ficar em casa esperando por ele que já havia mudado de emprego por várias vezes nos últimos quatro anos. Tudo por causa da bebida. Ele era um excelente profissional, o melhor pedreiro, todos diziam. Mas estava perdendo este conceito devido à bebida. Passava meses sem trabalhar. As empresas de construção civil já não o contratavam por saber de seu histórico. E ele foi dia após dia perdendo sua credibilidade e ficando mais tempo desempregado e entregue à bebida.

Ruth começou a trabalhar como diarista no centro da cidade. Sua amiga e vizinha a indicou para as senhoras suas conhecidas. Cada vez mais distanciava o seu sonho de voltar a estudar e quem sabe ser a professora da escola do bairro onde seus filhos estudavam. Toda vez que ia às reuniões de pais e mestres ficava pensando no dia em que ela seria uma daqueles mestres.

Ela estava com trinta anos e aquele que fora seu primeiro e grande amor agora se resumia naquele ser que chamava a atenção dos vizinhos toda vez que voltava para casa. Onde estava sua dignidade? Seu coração se encheu de empatia. Compreendia que ele precisava de ajuda. E ela era a única pessoa que poderia ajudá-lo naquele momento. Pensou nas crianças que acabara de colocar para dormir, depois de terem juntos, ajoelhado e orado pelo papai.

Sentiu que aquele encanto de onze anos se perdera no tempo, mas ainda o amava. Sim, ele era o pai de seus filhos. Estava sem chão, é verdade, mas não deixaria que ele se tornasse o motivo de zombaria da rua. Ele era seu marido e o ajudaria a voltar à vida. Porque aquilo não era vida. Quanto a si mesma, depois resolveria. Foi ao seu encontro e ele ao olhar desconcertado para ela apenas disse: “Ruth, minha querida!” e largou-se no chão a seus pés.

Dois meses e quinze dias depois, num domingo de sol vibrante, Ruth fez o seu melhor almoço dos últimos tempos. E toda a família comemorara 30 dias em que Artur permanecia limpo. Com um límpido copo de água eles brindaram à vida. Ruth e Artur sabiam que seria um dia de cada vez.

Ana R. Costa

Brenda Mércia tem 22 anos e é bacharelanda em Jornalismo pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A literatura entrou em sua vida ainda na infância e hoje lê de tudo um pouco e dedica sua escrita mais para a esfera acadêmica. Estes contos são seus primeiros a serem publicados.

O PONTO

A casa é pequena. “Tem gente que nem conheço aqui”, pensou rapidamente. Movimentos apressados, falas cruzadas. O amor não passa de milhares de pequenos momentos costurados em uma só lembrança. Ou um bolo de fubá batido à mão macio e quente. Existe o antes e o depois de duas linhas se cruzarem, formando uma janela a qual nunca poderemos retornar. Em um momento no tempo, um ponto permitiu que essa realidade existisse.

Ponto: pequeno sinal, marca ou mancha. Sinal de pontuação que indica a pausa final de uma frase. Intersecção de duas linhas. Um dia fomos um ponto, navegando no espaço. Quente, sem vida. Sim. Eco. O ruído do rádio indica que agora há vida e que esta foi aumentando como água em uma banheira: cálida e lentamente. Presentes. Uma mancha.

Linhas. Suas mãos estão cobertas delas, seu rosto também. Os pequenos olhos castanhos parecem ter visto o início dos tempos, do mundo, da saudade. Parece saber que retornaremos a pó e osso. Não se assusta. Já passou por isso dezenas de vezes. A morte e a vida te acontecem uma porção de centenas de vezes até você perceber que o tempo acabou. Ou começou.

Então vê seus olhos em outro rosto. Curiosos, com linhas. Sempre procurando. Um outro ponto surgiu. Uma criança, uma menina. Sua primeira menina de um menino seu. A espiral inevitável te trouxe até aqui para olhar estes olhos. Ela sorri. A olhou com graça e fascínio. Um ponto permitiu que essa realidade existisse. Pegou-a no colo como mais uma de suas preciosidades: “Tire o retrato”, ordenou a um de seus filhos. Com um clique da câmera aquele momento já estava registrado para a posterioridade. Sente que as fortes mãos estão deixando que o tempo escape pelos dedos como areia numa ampulheta. O tempo cheira à cola dos sapatos que seu pai fazia e o chá que bebe toda noite. Nada no mundo lhe pareceu mais certo.

As melhores histórias do mundo nunca foram contadas. Até agora. Ponto: sinal de pontuação que indica a pausa final de uma fase.

Brenda Mércia

UM TIPO DE AMOR

"O abraço é um tipo de amor, mamãe" disse Emanuel com uma feição que no auge de seus seis anos parecia a maior descoberta do mundo (e era). "Como assim?" indagou sua mãe surpresa pela colocação de seu pequenino.

"Ora, existem muitos tipos de amor, mãe. Tipo quando você coloca remédio no meu joelho quando eu caio de bicicleta e diz que vai doer um pouquinho e segura minha mão. Ou quando você disse que a gente não ia mais poder ver o vovô porque agora ele morava numa nuvem. Aquilo deu uma dorzinha, sabe? Foi diferente do joelho. O pai disse que chama saudade essa dor que a gente sente." Respondeu seu filho com a tranquilidade que só a infância poderia proporcionar. Quando a felicidade está numa caixa de bombons. "Saudade é um tipo de amor".

"Eu nunca pensei nisso, filho. Sua cabecinha é tão inteligente!" Disse Eugênia enquanto abraçava seu filho e o girava no ar, ambos sem ar das risadas que deram desse movimento. Era o primeiro dia das crianças depois do divórcio. Eugênia pensou que Emanuel estaria mais abalado, talvez inseguro. Mas aparentemente esses sentimentos apenas apareciam nela como fantasmas à noite. O pequeno grande homem da sua vida estava tirando conclusões sobre o amor. As questões mais profundas da humanidade serão resolvidas por uma criança.

Estavam à procura do presente ideal, porém simples, devido a nova situação financeira de Eugênia, agora uma mãe solteira. Estavam adentrando uma loja de brinquedos quando avistaram um menininho aparentemente da mesma idade de Emanuel. Estava sujo, parecia sozinho. Pedia dinheiro aos transeuntes, mas parecia invisível para eles. Emanuel então puxou a barra da blusa de sua mãe.

"Mamãe, por que aquele menino está sozinho? A senhora me disse que é perigoso criança sair sozinha, não pode, não".

"Ele não tem casa, filho. Deve morar aqui mesmo" respondeu ela com peso no coração.

"Mamãe, na nossa casa eu já tenho tantos brinquedos. Por que não chamamos ele pra vir morar com a gente? Eu sempre quis um irmãozinho" disse ele já animado com a ideia "Vai, deixa, por favor".

"Não é assim tão simples, meu amor. E se ele tiver um pai e uma mãe?"

"Pede pra eles, ué".

Andaram até onde estava o rapazinho e Eugênia ajoelhou até ficar da altura dele.

“Oi, você está sozinho aqui? Onde estão seus pais?”

“Não tenho pai nem mãe, dona. Fui criado sozinho nesse mundão de Deus pela minha vó, mas ela morreu no ano passado”.

“Você gostaria de um sorvete?”

Os olhos brilharam instantaneamente ao balançar a cabeça assertivamente. Tomaram sorvete os três, onde ela pôde conhecer toda sua história de vida. Algo brilhou e aqueceu seu coração na mesma hora. Incontrolável, arrebatador. Com apenas uma explicação para alguma coisa tão inexplicável. Saíram dali com a decisão de acertar todos os papéis da adoção nos próximos dias. Uma nova história. Eugênia não parava de olhar seus dois meninos.

“Por que você nos olha assim, mamãe?” Questionou Emanuel.

“Ah, filho. É um tipo de amor”.

Brenda Mércia

Mayla Dias
é estudante do ensino médio e, ainda, traçando o seu futuro. Apaixonada pelo mundo da literatura desde pequena, mas enfrentava grandes problemas com o bloqueio. Aos 12 anos, começou a escrever textos sobre si, mas logo percorreu por diversos gêneros, escrevia suas obras em uma plataforma digital. Quando completou seus 15 anos recebeu o apoio de seus professores e escreveu com colegas seu primeiro livro.

A BONDADE ERA BEM-VINDA

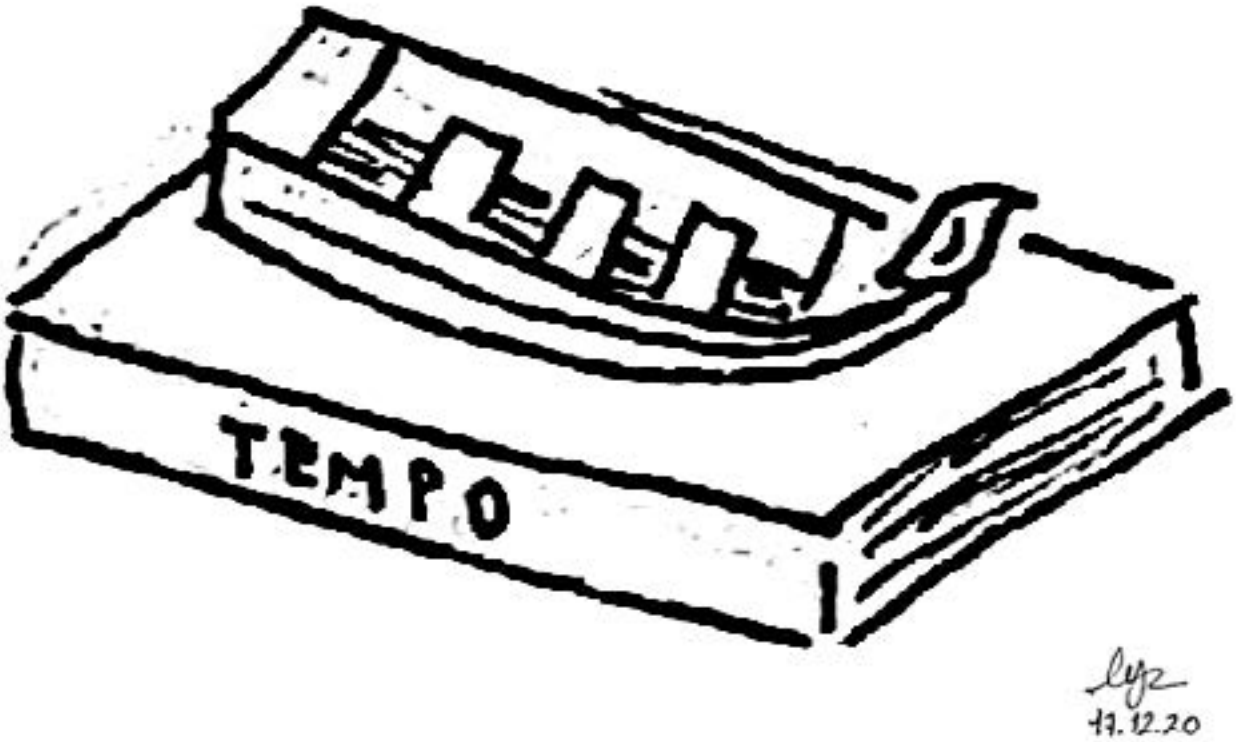
Há muito tempo ouviram-se boatos que a bondade era uma pessoa. E vagava por uma pequena vila em busca de um lar.

Na vila, moravam algumas famílias, umas financeiramente bem e outras que com tão pouco viviam felizes. Os moradores descobriram que a bondade andava por lá e logo quiseram abrigá-la em suas casas. Seu Isaac comentou sobre doar suas melhores pinturas, já Dona Maria quis doar sua cama quente e suas roupas.

Seu João que na sua casa mal tinha teto, disse que daria todo o seu afeto. Todos riram, pobre João. Dona Maria, logo falou: "A bondade não irá querer meros sentimentos". Seu João voltou para casa triste, pois achava que a bondade jamais iria querer morar na sua casa.

No dia seguinte, falavam sobre uma maluca que andava nas ruas. Uma mulher de cabelos bagunçados e pele suja, ela pedia um pouco de água e lugar para dormir. Ninguém queria encostar-se a ela, seu João a viu em meio às lixeiras revirando em busca de comida e lhe entregou um pequeno prato com comida e a ofereceu um banho. Ela apenas sorriu, e seu sorriso carregava todo o mundo. Parecia que a bondade sorria para seu João. A moça abraçou-o como forma de agradecimento e antes de virar pó falou para ele, "a bondade está em nós, saiba abrigá-la, não basta ter, precisa ser. Enquanto existe a bondade, todos nós seremos bem-vindos."

Mayla Dias


TEMPO
17.12.20

O VALE DO SILÊNCIO

Grande, escuro e sujo. Lá todas as vozes são silenciadas, fala mais alto quem tem dinheiro. No Vale moravam muitas pessoas, mas poucas podiam se expressar.

Anunciavam em todo Vale um ótimo estabelecimento, todos poderiam ir, mas esquecerem de avisar que os animais também iriam. Lá os porcos compravam tudo, as melhores bebidas e comidas e até mesmo os melhores assentos, mas isso não bastou. Eles tinham dinheiro, mas não podiam ter tudo, mas os porcos estavam determinados a conseguir tudo.

Eleonora, dona de si, quis conhecer o estabelecimento mal sabia o que estava no olhar das pessoas ao redor. Estar protegida nesse lugar era quase impossível. Eleonora foi dopada e abusada, mas ela confiou na justiça. Mas, a justiça é apenas para quem pode comprá-la. Falaram para ela, não denuncie, fique calada, não chore, você vestia roupas curtas, olha suas fotos, você aceitou.

Sua voz foi silenciada, e por mais que ela gritasse não podíamos ouvir. Bruno, o porco, só havia cometido "estupro culposo", não tinha intenção. Eleonora uma mulher que vestia roupas curtas pedia por isso. Eram esses os comentários no Vale, mas quando silenciaram a voz de Eleonora, esqueceram das outras milhares de mulheres, nós a ouvimos, nós a compreendemos e nós queremos justiça. Não pode comprar a todos, nosso corpo não está à venda.

As vozes estão mais altas e continuaram a aumentar.

Justiça pelas milhares de vozes silenciadas.

Mayla Dias

Nívea Melo
aprecia demais o conhecimento através da leitura, pois acredita que é fonte de libertação. É casada, mãe de 3 filhos, professora, licenciada em Letras pela Universidade de Pernambuco - UPE, Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP e Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

HARMONIA QUASE INVISÍVEL

A infância é uma fase cheia de descobertas. Quanta imaginação! Produzida muitas vezes pelas leituras, escola, eventos, viagens, conversas com os pais e avós, pela TV, internet. São muitos e diversos os acréscimos no desenvolvimento de uma criança.

E não foi diferente com Lavínia, uma garota valente, reservada, mas cheia de entusiasmo diante da vida, e que conseguiu extrair lições ao passo que se desenvolvia.

Em um determinado ano na infância de Lavínia, ela recebeu um convite para celebrar o Dia das Crianças em uma grande quadra escolar. Era um dia festivo, com uma programação recheada de brincadeiras, diversão e comidas que os infantes adoram. A ideia agradou a sua família, que começaram a se organizar para participar desse grande evento.

Ao chegar o dia da grande festa infantil, Lavínia partiu com seu irmão Benício e seus pais para o local onde fora marcado a bela comemoração. Durante a programação, as crianças presentes tiveram oportunidade de extravasar muita energia, gritar, competir, se divertir.

Mas houve um acontecimento que marcou para sempre a infância e vida de Lavínia e seu irmão. Seus pais que passavam por algumas dificuldades no casamento, naquele Dia das Crianças, eles decidiram estar juntos com os filhos celebrando aquele momento tão importante para os infantes.

Naquela ocasião, as brincadeiras, a animação, as comidas, as palhaçadas, tudo isso somou na construção de lembranças alegres, entretanto, sem sombra de dúvidas, o fato mais marcante foi poder ver os pais juntos e expressando determinada harmonia e companheirismo. Isso sim trouxe segurança e contentamento aos corações de Lavínia e Benício.

Portanto, proporcionar momentos de unidade familiar, vale mais a pena do que as extravagâncias materiais. Os relacionamentos saudáveis possuem vínculos duradouros e trazem segurança. Certamente, toda criança, filho(a) precisa disso!

Nívea Melo

EXPERIÊNCIAS E O VALOR DA VIDA

Era uma manhã de inverno, dezembro, e fazia um frio intenso. Todos estavam agasalhados e prontos para mais um dia de trabalho. O dia começou chovendo, porém isso não impediu de fazer o fogo no chão de uma velha garagem coberta, colocar a água no caldeirão para ferver e lançar os camarões dentro para cozimento. Depois de pronto, o próximo passo era vender no mercado turístico de Costa Nova- Portugal.

Tudo era um processo laboroso, no entanto, Epifânia já estava acostumada a realizar esse trabalho todos os fins de semana e feriados. Para ela, era uma diversão chamar e disputar os clientes na área turística. Epifânia era uma mulher de fibra, destemida, sensível às necessidades dos outros, mas também gostava de uma fofoca.Certa vez até disseminou que a vizinha era uma tremenda mercenária.

Essa mulher forte, realizava o serviço de vender camarões há anos, aprendera a trabalhar com os frutos do mar desde o início do casamento, pois o seu marido, Caçador, foi marinheiro por anos. E isso lhe rendeu experiências diversas no cozimento e preparo de animais aquáticos.

Caçador era um homem musculoso, corajoso, trabalhava como encanador de gás. Ajudava também nas tarefas do lar e no manuseio da renda que sua esposa desenvolvia. Foi com esse trabalho que conseguiram comprar uma casa, dar um maior conforto as suas filhas, Joana e kátia, e possuir alguns outros investimentos.

Tinham uma vida relativamente simples, mas não faltava nada as suas filhas, às quais desde cedo foram ensinadas a ajudar nos deveres do lar, bem como no serviço com o preparo e distribuição dos crustáceos.

Joana era a filha mais velha, e portanto, tinha maiores responsabilidades. Quando a mãe adoecia ou tinha algum imprevisto, lá estava Joana pronta para assumir o papel de vendedora do marisco no mercado turístico. Era uma garota de 20 anos, singela, bem comedida, não gostava de maquiagem e tinha um senso de maturidade acima da sua idade cronológica.

Já Kátia, a filha caçula, era uma adolescente de 13 anos, cheia de entusiasmo, gostava de aventuras, e era o contrário da sua irmã, pois a vaidade era inerente à ela. Entretanto, foi incutida nela a necessidade de ajudar nessa renda da família. Era uma menina que se dispunha a auxiliar, mas acabava se enrolando com brincadeiras, logo, não dava um apoio tão significativo.

A rotina seguia semana após semana, porém foi no mês natalino, precisamente na véspera, que algo inesperado aconteceu. A família Caçador preparava-se para mais um fim de semana de vendas. Muitos camarões cozidos, pois nessa data comemorativa esperava-se um retorno financeiro bastante importante.

Mas, foi a doença da sobrinha de Epifânia que os planos alteraram. Dias antes do natal daquele ano de 2000, a família descobriu que a garotinha por nome Diana sofria de um problema cardíaco raro e que necessitava de uma cirurgia. A notícia abalou todos os familiares e naquele ano, o entusiasmo para produzir muito nas vendas foram por água abaixo.

A família Caçador não estava completa para ajudar em todo o trabalho de vendas naquele 24 de Dezembro, dia da cirurgia da sobrinha. Joana e kátia foram dar um suporte à priminha Diana. Dias de angústia no processo pré e pós-operatório.

As vendas foram ocorrendo, mas não havia ânimo para chamar e disputar clientes. Foi um natal com baixa saída do seu produto em comparação aos anos anteriores. Entretanto, uma lição ficou em seus corações. A vida de um ente querido tem um valor além do que se pode imaginar e não vale a pena correr tanto atrás de acúmulo de bens ou recursos financeiros.

Nívea Melo

Rosana Santos é licenciada em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela UPE, estudante de Habilidades e Competências Socioemocionais na Educação. Os livros e a escrita são amores antigos, encontraram-me na infância e seguiram-me durante a vida. Com a escrita a relação era instável, eu só lhe atendia nos momentos em que ela me sufocava para se expressar, porém, o nosso encontro mais intenso aconteceu recentemente, enfim, compreendi que a escrita faz parte do que sou e sempre foi uma das minhas melhores companhias.

EM TEMPOS DE PANDEMIA

Olhou-me com os seus olhinhos alegres, cor de jabuticaba, e expôs a sua ideia com a certeza de que era possível realizar. Mamãe, irei fazer cartas para todas as pessoas que não posso abraçar agora, colocarei dentro de bolhas de sabão e chegarão até elas.

Na sua inocência de criança claro que isso é possível, e por que não? Então, Lelê foi até a sua mesa e começou a fazer as cartinhas, cheias de letras, imagens que representassem o seu abraço.

Preparou tudo e sentou-se na varanda de sua casa com as cartas na mão e começou a fazer as bolhas. Para cada carta uma bolha, elas pareciam que já sabiam o seu destino e foram voando uma a uma levando as mensagens, a cada estouro uma cartinha era recebida e o abraço era sentido.

A simplicidade da infância compreende e nos faz lembrar que a distância física não é barreira, e que estar presente é uma questão de se fazer sentir.

Rosana Santos

ENCONTREI A RESPOSTA

Depois de ouvir algumas palavras que ferem a alma, entrei no quarto, peguei a caneta e o diário, recordei as vivências do dia e comecei a escrever. Escrever me motivava e fazia recordar o melhor de mim além da realidade que me cercava.

Subitamente um pensamento recorrente me atravessou, qual é o propósito? Esse pensamento me acompanhou por anos, às vezes substituído pelas preocupações das diversas fases vividas. Porém, nunca deixou de se mostrar e não me deixava esquecer a necessidade de ser respondido.

Depois de alguns aprendizados do caminho e da travessia interna obrigatória para achar a resposta. Voltei no tempo, 15 anos, com a caneta e o papel na mão, sonhando em ser alguém que trouxesse ao mundo esperança e felicidade, talvez ingenuidade no tamanho dos desejos, mas a adolescência me permitia esta ousadia.

Hoje encontrei a resposta, ainda sentada com a caneta e o papel na mão, sei que ao menos posso começar.

Rosana Santos

Fecomércio PE
Sesc | Senac
Instituto Fecomércio

Sesc

Siga-nos! sescpe.org.br